

RESENHAS

UM NOVO OLHAR PARA AS MASCULINIDADES

| 404

Alessandro Cerqueira Bastos¹

A crítica feminista ocidental acertadamente apontou desde fins dos anos 1980 o caráter masculinista presente nas produções científicas nas ciências em geral e, particularmente, nas humanidades (RAGO, 2019; SARDENBERG, 2007; HARAWAY, 1995). Nessa disputa estava em jogo a invisibilidade das experiências femininas e a invisibilidade da produção teórica feminista no meio acadêmico. Como sabemos vários frutos foram colhidos desta disputa epistemológica, entre eles o reconhecimento da história das mulheres em seus múltiplos aspectos. Mas, de forma até compreensível, por conta do fantasma do androcentrismo epistêmico, experiências masculinas não foram devidamente estudadas, mesmo em algumas abordagens pretensamente relacionais.

Nesse sentido, *De Guri a Cabra- Macho: masculinidades no brasil* vem acrescentar com rigor conceitual e analítico as lacunas sobre nosso desconhecimento empírico a respeito da multiplicidade de masculinidades. Esse livro é, acima de tudo, um empreendimento coletivo organizado pelos professores Paulo Melgaço da Silva Júnior e Marcio Caetano, ambos com doutoramento em educação, o primeiro na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e o segundo pela UFF (Universidade Federal Fluminense) cujas pesquisas enfocam questões de gênero, masculinidades, relações raciais.

Participaram do livro com 12 capítulos ao todo, uma pluralidade de profissionais dos mais diversos campos das humanidades incluindo: artes, ciências sociais, antropologia, educação física, saúde coletiva. Tal diversidade de abordagens põe em revelo formas de vivências e ideais de masculinidades das diferentes regiões brasileiras.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. cerqueirasandro@hotmail.com.

Muitas destas regiões, como o Norte e o Nordeste, são pouco visibilizadas em trabalhos acadêmicos habitualmente centrados no sudeste.

Um dos pontos que conecta o livro a despeito das particularidades espaciais, históricas e empíricas, é a sua inserção no que chamamos de *Mens Studies*², cujos aportes conceituais decorrem em grande partes das formulações pioneiras da socióloga transexual Raewyn Connell (2003)³. Através da noção de *masculinidade hegemônica*, os autores interrogam desde experiências de homens negros soteropolitanos até de homens amazônicos que mantêm relações sexuais entre si. Nestes trabalhos foram problematizadas as formas criativas, dinâmicas e plurais pelas quais o ideal branco masculino cisgênero fora incorporado, recusado ou negociado por homens dos segmentos populares, negros, pouco escolarizados, homossexuais, transgêneros, nordestinos, nortistas, etc.

Outro aspecto a ser considerado é o aprofundamento da noção de *performatividade* cujas bases remontam ao pensamento desenvolvido pela já clássica Judith Butler (2016). Influenciados por esta noção, os autores evidenciaram como as normas que tornam o gênero masculino inteligível são recitadas em diferentes contextos de modo a reforçar a coerência falocêntrica. Dentro desse ponto de vista, as masculinidades, portanto, seriam vividas como um mandato cultural heteronormativo a ser coercitivamente seguido. Assim, a humanidade só seria assegurada através da própria conquista do masculino. Tais reflexões são trazidas à baila incorporando efetivamente uma crítica radical feminista aos voluntarismos e determinismos, mas sem desprezar os condicionamentos das estruturas sociais.

Devido a extensão do material aqui analisado, apresentarei uma impressão mais global dos textos. Quanto às metodologias empregadas nas pesquisas, verifiquei a utilização de estudos de caso, grupos focais, etnografias e entrevistas como métodos privilegiados. O que de certa forma se conecta ao propósito de compreender “forças externas – os femininos – e internas” que atuam na “produção de masculinidades” (p.11),

² Para um balanço do campo das principais tendências na pesquisa sobre masculinidades em curso desde o início dos anos 1990, veja-se Medrado e Lyra (2008).

³ Não utilizo o nome grafado na publicação, pois trata-se de uma estratégia textual para evitar transfobias epistêmicas desrespeitando as identidades de pessoas trans.

como pontuam os organizadores. Além disso, a metodologia qualitativa conecta as diversas autorias do livro à Antropologia cultural, apesar da diversidade de formação acadêmica de cada uma delas.

Além da opção metodológica de trabalhar em e nas redes, houve também uma já destacada diversidade espacial que se expressa pelos casos selecionados em diversas partes do que chamamos de território brasileiro. Com sensibilidade, os autores exploram tanto paisagens agitadas dos grandes centros urbanos como Salvador e Rio de Janeiro, como a vivência interiorana de homens jovens em pequenas cidades da região norte do país. Apesar destas diferenças espaciais e culturais, os lugares analisados guardam em comum a marginalização, a precariedade estrutural no qual os masculinos sobrevivem, vivem, amam, transam, etc.

Quanto aos aspectos físicos, textuais e materiais, o livro apresenta uma capa ilustrada por uma silhueta possivelmente masculina de costas. Apesar das folhas amarelas facilitarem o contato visual, o tamanho das letras desagradam àqueles/as que possuem baixa visão. No geral, alguns ensaios apresentam parágrafos mais extensos do que outros, o que pode cansar o leitor/ a leitora. Entretanto, destaco que, devido à profundidade de temas que são abordados, a composição textual é justificável. Além disso, a organização textual também é bastante equilibrada, pois a maioria dos textos possui em torno de 20 páginas.

Se, por um lado, o tamanho dos artigos que perfazem o livro associa-se ao estilo individual de cada autoria. Do outro, não podemos deixar de mencionar que, ao encerrar-se às vezes de maneira rápida, alguns textos podem perder analiticamente ao não explorarem em profundidade as problemáticas e temáticas levantadas.

A relevância do livro *De guri a cabra-macho...* está, portanto, demonstrada a partir da apreciação que fiz nas passagens anteriores. Mas, gostaria de destacar que, ao escapar do binômio vilão-vítima, os textos enriquecem o campo de estudos apontando os diferentes contextos em que homens negros e pobres também são alvo de violências estruturais, ao mesmo tempo, em que exercem formas de violação aos considerados mais subalternizados como bichas, travestis e mulheres cisgênero.

Assim, a crítica ao sexismo não pode ignorar também que homens pobres também possuem desigualdades de ordens econômicas e raciais, estando expostos à baixa escolarização, às dificuldades em acesso aos serviços de saúde, à violência policial, ao subemprego, enfim toda sorte de subalternização em função de uma política nociva orientada pelas bases do capitalismo e racismo contemporâneos.

Mesmo que por vezes percebamos uma certa autonomia dos estudos de masculinidades em relação ao campo convencional de gênero⁴, o material aqui resenhado se orienta por matrizes feministas, o que engrossa a crítica ao heterocispatriarcado e propõe relações mais igualitárias entre os gêneros. Em suma, o livro que apresentei aos leitores/ às leitoras é uma ótima oportunidade para visibilizarmos pesquisadores/ pesquisadoras de diferentes regiões do país. Assim como, é uma maneira de enaltecer a qualidade da produção sobre gêneros, sexualidades, etc. advinda da universidade pública que está ameaçada em tempos de arrefecimento do fascismo e conservadorismos.

Boa leitura a todas as pessoas!

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CONNELL, Robert W. ; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abril de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 de junho de 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1 jan. 2009.

MARCIO, Caetano; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. (Orgs.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, Dec. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 de junho de 2020.

⁴ Sobre a possibilidade de se pensar um campo autônomo dos estudos de masculinidades, consultar também Medrado e Lyra (2008).

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: Heloisa Buarque de Holanda. (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. 1ªed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, v. 01, p. 371-387.

SARDENBERG, Cecilia. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?. **Labrys. Estudos Feministas (Online)**, v. 11, p. 45, 2007.

Recebido: 22/06/2020

Aceito: 11/04/2020

